

Campanha eleitoral antecipada

Marcelo de Moraes
Da equipe do **Correio**

A guerra de denúncias deflagrou antecipadamente a disputa das eleições presidenciais de 1998. Quase um ano e meio antes da votação, dossiês começam a ser montados e divulgados transformando a sucessão presidencial numa longa corrida, repleta de obstáculos.

Nos últimos meses, começou o bombardeio aos principais pré-candidatos. O presidente Fernando Henrique Cardoso, o ex-prefeito de São Paulo Paulo Maluf e o petista Luiz Inácio Lula da Silva foram obrigados a gastar boa parte de sua agenda política para explicar acusações sofridas.

"Não resta nenhuma dúvida que a campanha já começou", reconhece o senador Elcio Alvares (PFL-ES), líder do governo.

A sequência de denúncias fez estragos em quase todos os grupos. A administração de Maluf está sendo investigada no Senado pela Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) dos Títulos Públicos. Lula se afastou da direção nacional do PT enquanto uma comissão de ética analisa seu envolvimento nas denúncias de corrupção em prefeituras administradas pelo partido.

Para Fernando Henrique, a sorte não foi melhor. O escândalo da compra e venda de votos para aprovação do projeto da reeleição atingiu no peito seu governo. Em conversas dos deputados Ronivon Santiago e João Maia, gravadas em fita, foi feita a acusação de que o minis-

tro das Comunicações, Sérgio Motta, teria sido o responsável pelo pagamento dos parlamentares subornados. Embora tenha desmentido a denúncia, Motta e todo o governo saíram chamuscados do escândalo.

"Passamos a ter uma bandeira clara para usar na campanha. A opinião pública desconfia agora desse governo. Sabe que ele pode ter comprado deputados para aprovar a reeleição. Colaram o selo da corrupção no governo", afirma o senador José Eduardo Dutra (PT-SE), líder do bloco de oposição no Senado.

O ex-presidente Itamar Franco se disse espantado com o escândalo da reeleição. Desde que deixou o governo, Itamar se mostrara contrário à aprovação da proposta. Dizia que as idéias é que deveriam ser mantidas e não os homens. Mas não esperava uma bomba desse tipo.

Com o enfraquecimento do governo, Itamar Franco é candidato certo. Alguns dos seus aliados imaginam até que Fernando Henrique poderá não conseguir completar seu governo, minado pelas denúncias. Na verdade, o ex-presidente trabalha com os pés no chão. Saiu da Presidência com a popularidade em alta e vai reivindicar a autoria do

Plano Real, criado no seu governo. Tem ainda a simpatia de partidos de esquerda.

"Itamar Franco é um dos nomes que admitimos discutir", explica o deputado federal Alexandre Cardoso (RJ), um dos cardeais do PSB. "Ele tem um belo mote para sua campanha, o Real sem dinheiro para bancos e com honestidade. Pode ser muito forte se a campanha for

bem conduzida", completa.

Itamar precisa ainda de um partido para concorrer.

"Precisamos de uma legenda que tenha um tempo significativo. Hoje em dia, é impossível fazer campanha sem aparecer bastante tempo

no rádio e na televisão", afirma um dos seus mais íntimos aliados.

Enquanto o ex-presidente traça seus planos, os partidos de oposição tiveram pouco tempo para comemorar o tombo de Fernando Henrique. A denúncia de corrupção dentro do PT, envolvendo diretamente Lula, deixou o partido numa encruzilhada política. Lula preferia não ter que disputar sua terceira eleição presidencial seguida. No entanto, vem sendo pressionado por grupos petistas influentes para aceitar a disputa. Com a denúncia, sua candidatura pode acabar não aconte-

cendo, o que abre espaço para novas lideranças petistas, como o ex-prefeito de Porto Alegre Tarso Genro, que aceita concorrer.

"Meu candidato é Lula. Se ele não estiver na disputa, a situação muda. Só que é necessário uma definição desse processo", explica Tarso.

O que o ex-prefeito quer é muito simples. Tarso sabe que não é conhecido nacionalmente. Por isso, gostaria de dar a partida à sua campanha e popularizar sua imagem em outras regiões.

O clima de corrida presidencial provoca confusão até sobre a origem da denúncia feita contra o PT por Paulo de Tarso Venceslau, ex-secretário de Finanças dos municípios de Campinas e de São José dos Campos. Para os petistas, Paulo de Tarso foi motivado pelo governo como uma reação ao escândalo da reeleição. Afinal, Paulo de Tarso é amigo de Sérgio Motta, como o próprio ministro reconheceu.

"Ninguém é amigo de Sérgio Motta impunemente. Fernando Henrique que o diga", ironiza o senador José Eduardo Dutra.

Para o governo, no entanto, a explicação é outra. A denúncia de Paulo de Tarso seria motivada pela disputa interna do PT. O grupo interessado em lançar um candidato diferente de Lula, insuflara Paulo de Tarso.

"Nós conhecíamos essas denúncias e preferíamos que o PT lançasse Lula na disputa porque poderíamos usar a história durante a campanha", revela um importante integrante do PSDB.



Enxurrada de escândalos animaram Itamar a iniciar campanha presidencial